



Eu Penso como Homem

A ilustração da capa retrata um homem em meditação. As peças de relógio sobrepostas sugerem as infundáveis cogitações rodando no interior — ponderando, planeando, desenvolvendo, considerando, imaginando, perguntando, procurando, duvidando, crendo, negando, aceitando, e muitas mais. Vastas na realidade são as capacidades da mente, contudo, quando chega à compreensão do homem em relação ao seu Criador, tende a pensar acerca de Deus em termos muito mecânicos. Há a necessidade da sua mente ser aberta para a forte e poderosa luz válida neste grandioso assunto como sugerido na ilustração pela intensa luz na qual o assunto é contemplado.

Eu Penso como Homen

por Fred Wright

Capa por Larry Hanley

Título do original em inglês:
I Think as a Man

Impresso por:

Botschaft für unsere Zeit
Waldstrasse 37
5241 Dickendorf

Republica Federal da Alemanha

Fevereiro 1986

INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é colocar em movimento um conjunto de pensamentos destinados a vencer a lamentável compreensão errada acerca do carácter de Deus que tem paralisado a capacidade espiritual dos homens desde o aparecimento do pecado.

Ele estabelece alguns princípios que são muito básicos para a compreensão deste assunto mas não responde especificamente a muitas questões que se levantarão.

Uma obra muito mais ampla intitulada *E/s Aqui o Vosso Deus* faz uma compreensiva cobertura deste vasto e salvador tema. Ela responde a muitas perguntas não tocadas nesta publicação.

O estudo do carácter de Deus como revelado na vida e ensinamentos de Cristo e, de facto, através de todas as Escrituras, é um estudo do valor mais elevado possível. Correctamente compreendido, é a chave para a vida eterna.

Possa o leitor destas páginas, sob o ministério do Espírito Santo, ser libertado dos pensamentos da forma como o homem desobediente pensa e fala as palavras de Deus.

Eu Penso como Homem

Durante dias a chuva caiu torrencialmente. A velha represa de terra tinha trinta e cinco anos. A água, castanha e remoinhando, atingiu quase o seu cume. A chuva ainda continuou.

No vale do rio em baixo, os habitantes saíram para os seus afazeres, desejando que a chuva parasse mas prestando pouca atenção para além disso.

Então aconteceu.

As paredes de terra tremendo debaixo da crescente pressão das múltiplas toneladas de água, fenderam-se, explodindo então para o exterior desprendendo nove metros de parede de destruição selvagem, rugindo, espumando, que correu a grande velocidade sobre tudo o que encontrava no seu caminho.

Quando a sua breve fúria acabou, trinta e nove pessoas estavam mortas e quarenta e cinco gravemente feridas. Casas e veículos estavam reduzidos a ruínas.

Naturalmente, as companhias de seguros descreveram a tragédia como um »Acto de Deus.«

Evidentemente, *PENSARAM COMO HOMENS*.

Acima do vapor das matas fumegantes duma ilha do mar do sul, um grande vulcão levantou a sua poderosa coroa. Por fim, fez ruídos e fumegou, fazendo com que os habitantes da vila o olhassem com crescente apreensão. Então chegou o dia em que grandes explosões rasgaram o ar. Lava incandescente correu pela encosta e avançou inexoravelmente sobre as vilas situadas abaixo. Casas fo-

ram consumidas nas chamas, searas foram destruídas, e os prejuízos foram elevados. Os próprios habitantes fugiram receando pelas suas vidas, chegando por fim ao mar fumegante em canoas.

Com semblantes sérios e atemorizados diziam uns para os outros que Deus estava irado com eles e que deviam encontrar qualquer forma de O apaziguar.

ISTO É PENSAR COMO HOMEM.

Uma pessoa que sempre gozou de perfeita saúde de repente ficou gravemente doente. Limitada a uma cama de sofrimento e dor no hospital, os seus pensamentos voltaram-se para Deus em busca de conforto. Tomou uma pequena Bíblia e, abrindo-a pela primeira vez na sua vida, começou a ler no princípio.

Passando pelo relato da criação no Génesis e pela queda de Adão, chegou à história do dilúvio, onde leu que Deus enviou as águas sobre a terra para destruir aqueles que não Lhe obedecessem. Depois leu acerca do derramamento de fogo sobre Sodoma e Gomorra, as pragas que caíram sobre o Egito, e as ordens de Deus para os israelitas saírem e destruírem os amalequitas até aos mais moços nas armas.

Isto foi demasiado. Fechou o livro declarando que nunca poderia amar nem servir um Deus que podia manifestar tal crueldade como a que viu retratada naquelas palavras.

QUÃO TRISTE É NA VERDADE QUE TENHA LIDO TUDO ATRAVÉS DOS OLHOS DO ENTENDIMENTO HUMANO. VIU DEUS COMPORTANDO-SE COMO SE ELE FOSSE UM HOMEM.

Mesmo mais frequentemente, desastres estão destruindo a vida e os bens em todo o mundo. Isto é sempre olhado como sendo a obra de um Deus que está a desabafar a Sua ira sobre um povo que não Lhe obedece, respeita, nem ama.

ISTO É ATRIBUIR O COMPORTAMENTO HUMANO A DEUS.

Isto não é falar como Deus fala nem pensar como Ele pensa. Ninguém amará e servirá Deus enquanto pensar acerca d'Ele na

forma limitada, superficial, do homem. Os próprios factos da vida provam isto. Os homens estão tão enraizados na ideia que é um Deus irado que envia todos estes problemas sobre a terra que não duvidam dessa noção. Acreditam que Ele faz isto para corrigir a sua desobediência, porém isso não produz tal resultado. Quanto mais forem sujeitos a esse tratamento, menos amam Deus e mais rebeldes prosseguem os seus próprios caminhos.

Este é o resultado natural. Olhai e vede se qualquer potentado terrestre alguma vez ganhou o amor e lealdade dos seus súbditos infligindo-lhes pesados castigos pela desobediência. Podem ter ganho um serviço covarde, mas isto não é a lealdade do amor. Portanto, se Deus usasse as táticas que os homens acreditam que Ele usa, então seria um sistema de engano-próprio. Em vez de ganhar amor e alegre obediência, Ele seria compensado no melhor dos casos com lealdade servil e, no pior, com aberta e flagrante rebelião.

OUTRA FORMA DE PENSAR

Há absolutamente outra maneira, inspiradamente maravilhosa, e refrescantemente agradável, de pensar acerca de Deus. E a forma de Cristo. Chegou seguramente a altura em que os homens necessitam falar acerca de Deus, não como homens, *mas como Cristo*. Quando os homens aprenderem a falar acerca de Deus como Cristo, então, amor, alegria, admiração, lealdade e paz brotará naturalmente do coração humano. *Então*, Deus será verdadeiramente visto como um terno Pai, e não como um despótico monarca.

Quando Cristo veio a esta terra, tinha um número de missões a cumprir. Uma destas missões mais importantes era desmascarar a mentira que circulava sobre o maravilhoso carácter do Seu Pai e mostrá-l'O tal como Ele é. Ele convida todos a ver, pensar e falar de Deus, como Ele vê, pensa e fala d'Ele, e não *como os homens fazem*.

Cristo revelou o Pai tão completamente, que tudo o que os homens podem conhecer ou precisam conhecer acerca d'Ele, foi revelado na vida e carácter do Seu Filho. Contudo apesar do nível magnificente de perfeição que Cristo atingiu na Sua obra, este aspecto do Seu ministério divino permanece pouco conhecido e compreendido mesmo actualmente. Nem mesmo os Apóstolos de Cristo despertaram para isso. Foi por este motivo que Filipe disse:

»Senhor mostra-nos o Pai, o que nos basta.«

Cristo ficou grandemente desapontado com este pedido. Bem podia ficar, porque isso dizia-Lhe que o objectivo da Sua missão permanecia despercebido por aqueles que estavam perto d'Ele — aqueles que deviam ser os primeiros a ver isso.

»Disse-lhe Jesus: Estou há tanto tempo convosco, e não Me tendes conhecido, Filipe? Quem Me vê a Mim vê o Pai; e como dizes tu; Mostra-nos o Pai?« *João 14:8,9*.

Cristo afirmou que se O tivessem visto e ao Seu maravilhoso carácter de amor, então tinham visto o Pai. Isto é afirmar, com toda a veracidade, que Cristo não veio simplesmente para declarar o Pai. Ele *também* tinha vindo para O revelar ou manifestar. Para fazer o segundo ou mesmo o primeiro caso efectivamente, tinha que ser em Si mesmo uma perfeita e completa reprodução do Pai. Isto Ele era realmente.

Algum tempo antes desta conversa com Filipe ter lugar, Ele já os tinha informado que a Sua vida era uma completa reflexão do Pai e que fazia apenas aquilo que o Pai fazia.

»Mas Jesus respondeu, e disse-lhes: Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por Si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai: porque tudo quanto Ele faz, o Filho faz igualmente.

»Porque o Pai ama o Filho, e mostra-Lhe tudo quanto faz: e Ele Lhe mostrará maiores obras do que estas, para que vos maravilheis« *João 5:19,20*.

O ponto essencial nesta declaração d'Aquele que disse de Si mesmo, »Eu sou a verdade;« *João 14:6*, é que Cristo não só fez

apenas as coisas que o Pai fazia, mas fê-lo *do mesmo modo*, ou exactamente como o Pai as fez. Os métodos, os princípios de operação, e os procedimentos d'Aquele, são precisa e totalmente os do Outro.

Muitos têm lido os relatos do Velho Testamento e têm visto Deus como um ser furioso, vingativo, que nada mais pensou senão derramar fogo dissolvido sobre as cabeças desprotegidas daqueles que não se arrependessem, sendo os sodomitas a questão a resolver. Depois leram a história de Cristo e, vendo um ser muito diferente do Deus que *viram* no Velho Testamento, concluíram que os caracteres de Deus e Cristo são diferentes. Eles vêem Cristo como um ser gentil, terno, bondoso, perdoador, humilde, e paciente e como Aquele que nunca uma só vez retaliou contra Seus inimigos. Independentemente de quão brutalmente O trataram, quão grosseiramente O rejeitaram, quão cruelmente O perseguiram, e quão vergonhosamente mentiram acerca d'Ele, apenas respondia fazendo-lhes o bem em retribuição. Apesar de convidado a destruir os que O rejeitavam, nunca levantou o Seu dedo para o fazer.

Dizer que o Pai e o Filho tinham caracteres diferentes é falar como homem, pois esta não é a maneira de falar de Cristo. Com absoluta determinação e autoridade, se confirmou que Ele e o Seu Pai tinham o mesmo carácter e faziam as *mesmas* obras da *mesma* maneira.

OUTRO PONTO DE VISTA

Os que vêem como Cristo via e falam como Ele falava, conhecem e falam a verdade. Eles não pensam mais como homens. Deixam todos os pontos de vista anteriormente defendidos que chocavam contra o testemunho de Jesus. Isto quer dizer que aquilo que eles pensavam ver Deus fazer no Velho Testamento, tem que ser mudado para outro ponto de vista, sendo o novo coincidente com a revelação de Deus como é dada pelo Seu Filho durante o

Seu ministério terrestre. Na realidade, isto é dizer que a vida e os ensinamentos de Cristo são a medida pela qual todas as noções acerca de Deus têm que ser examinadas. Qualquer ponto de vista sobre Deus, o Pai, não importa quão lógico ou permanente ele possa ser, que de qualquer maneira seja diferente do de Cristo, deve ser abandonado, tomando-se como erro. Isto deve ser feito mesmo se inicialmente é impossível ver onde realmente está o erro. Aqueles que fazem isto terão seguramente pontos de vista correctos acerca do carácter e caminhos de Deus. Isto por seu lado, trará bênçãos e benefícios para além de tudo o que se possa prever.

Nesta pequena publicação é impossível explorar todas as ideias erradas a respeito do carácter de Deus que têm sido tiradas do Velho Testamento. Todavia dedicar-se-á este espaço a uma dessas experiências.

Durante séculos, Israel havia estado no cativeiro egípcio quando Deus, da sarça ardente, chamou por fim Moisés para que fosse e guiasse o povo à terra prometida. Foram dadas instruções muito específicas ao guia.

»Então disse o Senhor a Moisés: Eis que te tenho posto por Deus sobre Faraó, e Arão, teu irmão, será o teu profeta.

»Tu falarás tudo o que Eu te mandar; e Arão teu irmão falará a Faraó, que deixe ir os filhos de Israel da sua terra.

»Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó, e multiplicarei na terra do Egipto os Meus sinais e as Minhas maravilhas.

»O Faraó, porém, não vos ouvirá; e Eu porei a Minha mão sobre o Egipto, e tirarei os Meus exércitos, o Meu povo, os filhos de Israel, da terra do Egipto, com grandes juízos.

»Então os egípcios saberão que Eu sou o Senhor, quando estender a Minha mão sobre o Egipto, e tirar os filhos de Israel do meio deles.« *Êxodo 7:1-5.*

A história continua com Moisés e Arão indo à presença do rei pedindo a libertação dos israelitas, com a completa recusa do faraó, seguida pela devastação, com praga atrás de praga, até que o rei ficou satisfeito em deixá-los ir. Esta é uma história familiar.

Os homens têm chegado às suas próprias conclusões acerca de como Deus se comportou neste drama. Aqui está, como homens, *que pensam como homens*, o têm visto.

Deus era o governador todo-poderoso do universo. Chegou o dia em que decidiu que os israelitas deviam ser libertados. De acordo com isso, num tom de autoridade, ordenou a Moisés que mandasse o rei libertá-los sob ameaça de represálias directas caso ele recusasse.

O monarca realmente recusou, pelo que Deus o atacou duramente transformando o Nilo e as águas de toda a terra em sangue não bebível. Então Deus fez uma pausa, a fim de dar tempo ao desafiador monarca para reconsiderar. Quando se recusou a obedecer, o Senhor atacou-o novamente. Com cada repetição da recusa rebelde, Deus atacou-o até que por fim estava literalmente reduzido à submissão e não tinha alternativa senão deixá-los ir.

Esta é a forma como os homens geralmente compreendem o modo como Deus conduziu os Seus assuntos nessa situação.

Comparai este ponto de vista a respeito de Deus com outra ilustração.

Em certas cidades do mundo, tal como Chicago nos E.U.A., há poderosas organizações criminosas que olham para si mesmas como sendo os verdadeiros governadores da metrópole. Decidem que querem específicos »pagamentos« de um determinado comerciante. De acordo com isso vão junto dele e anunciam as suas exigências, comunicando-lhe que são o poder que opera na área, e tornando claro, que se recusasse obedecer, castigá-lo-iam severamente. O homem, devido ao facto de ter princípios ou por ainda não ter aprendido qual o poder dos »chefes criminosos,« recusava. Nessa altura era castigado com uma represália. Podiam fazer explodir o seu carro, quebrar as montras da sua loja, ou algo ainda pior. Em seguida davam-lhe tempo para reconsiderar. Se ele teimasse na recusa, castigá-lo-iam uma e outra vez, até que finalmente o reduzissem à submissão. Não só o sindicato obtinha o que queria deste homem, como o incidente dava uma oportunidade para demons-

trar os seus poderes, provendo assim um exemplo com este homem destinado a intimidar outros negociantes da cidade.

Verifica-se que estes métodos operam de maneira muito eficaz. Mas a obediência obtida não é emanada do amor e apreciação pelos chefes do crime da terra. Em vez disso, odeiam-nos e desprezam-nos pelos seus métodos e obedecem-lhes somente por não terem outra alternativa.

A QUESTÃO CRUCIAL

Surge agora esta questão: Qual é a diferença entre os *métodos* dos chefes do crime e os que se supõe que Deus utilizou na terra do Egipto? Tem que se ver com cuidado qual é exactamente a questão. Ela diz respeito aos *métodos* usados por um e atribuídos ao outro. Não se pergunta acerca dos motivos ou carácter, mas acerca dos *procedimentos*.

A resposta tem que ser, que não há diferença alguma. Se a compreensão comum sobre o comportamento de Deus no Egipto é conservada, então conclui-se que os caminhos de Deus, e dos que vivem pelo roubo e opressão são idênticos.

Quando apresento esta proposição a uma pessoa muito bem educada ela responde-me rapidamente que os *métodos* de Deus eram na verdade os mesmos que os do sindicato, mas as *intenções* de Deus eram diferentes. Por outras palavras, enquanto os criminosos usam estas tácticas para favorecerem os seus próprios fins egoístas, o Senhor, fez tudo isto pelos outros. Isto é argumentar que os *fins justificam os meios*, que os métodos usados pelos criminosos eram injustificados porque tinham motivações egoístas, ao passo que o uso dos *mesmos* processos da parte de Deus *eram justificados*, pois Ele fê-lo por um motivo *justo*.

Mas as Escrituras não apoiam este raciocínio. Deus pessoalmente nega que os Seus *caminhos* sejam iguais aos *caminhos* dos homens. Ele assegura-nos que eles são bastante diferentes.

Aqui estão as palavras:

»Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos *caminhos* os Meus *caminhos*, diz o Senhor.

»Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os Meus *caminhos* mais altos do que os *vossos*, e os Meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.» /saías 55:8,9.

O que Deus disse nestes versículos é a verdade mas unicamente se o ponto de vista acerca de Deus descrito atrás não é a verdade. Se Deus fez no Egito aquilo que se pensa que Ele fez, então os Seus caminhos não seriam diferentes dos usados pelos piores homens, e tornava-se a Si mesmo mentiroso ao dizer o que diz nesta referência. Mas Deus não é mentiroso. Ele é a Verdade e só fala a verdade, pelo que devemos saber que deve ser procurada outra compreensão diferente acerca do Seu comportamento no Egito.

Não é apenas este testemunho no Velho Testamento que exige tal revisão. A vida de Cristo, que fazia só o que o Pai fazia, exactamente *como* Ele fazia, nega completamente a versão popular sobre os feitos de Deus no Egito. Em parte alguma em todo o tempo da vida de Cristo, O encontramos usando esses métodos para conseguir os resultados desejados. E impossível encontrar um único exemplo porque ele não existe. Contudo, à luz do testemunho do nosso maravilhoso Salvador que declarou que fazia unicamente o que o Pai fazia, e como Ele fazia, cabe aos que escolhem continuar a crer que Deus actuou no Egito como um opressor que atingiu os Seus fins usando a força, descobrir a situação em que Cristo obteve os Seus fins da mesma maneira.

Isto não pode ser feito. A este propósito o único incidente que poderia ser construído neste molde é a purificação do templo. Alguns argumentarão que Cristo ameaçou os cambistas com o azorrague. Todavia será mostrado que argumentar desta forma é falar como homem não como Cristo. O que Cristo realmente fez tornar-se-á claro quando for visto o que Deus na verdade fez no Egito.

DONS DE AMOR

Uma vez que o testemunho de Jesus não concede suporte ao popular ponto de vista acerca do comportamento de Deus no Egipito, e visto que o próprio Deus declara que os Seus caminhos não são os caminhos dos homens, deve ser encontrado outro ponto de vista sobre as acções de Deus no Egipito; um ponto de vista que seja estritamente escriturístico e em perfeita harmonia com o testemunho de Jesus, *que deve falar não como homem, mas como Cristo*.

A Escritura da verdade testifica que »Deus é amor«. *1 João 4:8*.

Alguma coisa de toda a força desta Escritura pode ser apreciada apenas quando for visto que ela não diz meramente que Deus ama, embora isto seja verdade, mas que Ele é amor. E por causa do Seu amor que Ele ama. Por Deus ser infinito, ilimitado, sem fim, o Seu amor é o mesmo. E infinito. Isto quer dizer que não há ponto algum em que se possa encontrar fronteira ou limite nesse amor. Portanto, está escrito a Seu respeito que com Ele »não há mudança nem sombra de variação«. *Tiago 1:17*.

O amor humano é finito ou limitado. Nós amamos enquanto somos amados e em seguida o nosso amor começa a extinguir-se. Pode acontecer e frequentemente acontece que chega o momento em que a intensidade do nosso amor é transformada em igual intensidade de ódio. Nisto, o caminho de Deus é também diferente do caminho do homem. Não importa quanto possamos rejeitar Deus, desprezá-l'O, lutar contra Ele, insultá-l'O, ou separar-nos d'Ele, o Seu amor por nós não muda no mais pequeno grau.

Uma grande diferença entre o amor divino e o humano é que as pessoas amam, não por causa do que são, mas por aquilo que a pessoa amada é, ao passo que Deus ama, não por aquilo *que somos*, mas por aquilo *que Ele é*. Este modelo é colocado nos seres humanos desde os seus primeiros dias, quando os pais comunicam aos filhos a ideia que, *se forem bons*, o pai e a mãe os *amarão*, mas se forem *mal comportados* então esse amor será retirado. A criança rapidamente absorve a ideia e pratica-a em todo o seu relaciona-

mento com as outras crianças. Se o comportamento de uma certa criança se adapta às suas normas e desejos, então o amor é retribuído, mas se a criança não faz como lhe é exigido, então o amor é retirado. O único factor que governa todo o procedimento é o merecimento que a outra pessoa tem para ser amada, não a capacidade da primeira pessoa para amar independentemente daquilo que a outra é.

A mesma atitude e prática estão presentes na entrada na idade adulta e casamento. Os que podem ser amados por causa do que são, são procurados, enquanto que os outros são excluídos. Os procurados tornam-se excluídos se os seus caminhos mudarem para um procedimento que não mais satisfaça as necessidades e desejos daquele que ama.

Por causa dos homens terem a tendência de julgar Deus pelas suas próprias experiências e imaginá-l'O em tudo como se fosse um deles mesmos (vede *Salmos* 50:21), vêem-m'O do mesmo modo como Aquele que nos ama somente enquanto estamos amavelmente obedecendo a todos os Seus requisitos. Todavia fica o facto que não - importa quão desobedientes e descorteses possamos tornar-nos, isto não modifica o Seu amor para connosco. Isso faz, certamente, uma diferença à acessibilidade desse amor, porque o próprio acto de desobediência é um acto de separação da nossa parte. Mas este *nosso* afastamento não deve ser confundido como sendo uma retirada do amor da Sua parte.

Infinito amor é infinita abnegação. E inteiramente e só emanção. Portanto quando o Senhor fez os céus e a terra, não os fez para Si mesmo. Fê-los para as criaturas que criou. Fê-lo por vós, por mim, e por todas as outras pessoas que alguma vez viveram. Considerai então as necessidades que foram criadas quando o Senhor planeou dar existência a todas as coisas vivas.

Quando Deus projectou presentear a família humana com a *dádiva de amor* da vida, reconheceu que isto não era suficiente. Imaginai que ao ser-nos dada a vida, não nos era dado um lar, sendo deixados a andar eternamente através do vazio, da fria escuridão

do espaço infinito sem nada para fazer. Não seria preferível não existir? Isto seria uma vida morta na pior forma.

Portanto, Deus, no Seu infinito amor e sabedoria, decidiu criar em primeiro lugar a dádiva de *amor* de um perfeito lar. Fez isto naqueles primeiros dias da semana da criação. Porém, mesmo isto não era suficiente, pois a terra não podia ser um lar satisfatório para proporcionar infinitas possibilidades para o desenvolvimento e realização, a menos que estivesse dotada dos poderes necessários. Os poderes referidos são tanto os que estão dentro como os que estão fora do homem. Não é preciso enunciar aqui uma lista completa. Tudo o que precisamos é de alguns exemplos para ilustrar a questão.

Dentro do homem estão os poderes físico, muscular, intelectual e espiritual. No exterior estão as poderosas forças da natureza, tal como a electricidade, o sol, a gravidade e mais um milhar de outras.

A provisão de poder criou um problema pois se bem que fosse dado apenas com o propósito de bênção e felicidade, contém o cruel potencial para a terrível destruição. Este é o próprio poder da natureza. E impossível ela existir sem ter a capacidade para abençoar ou para destruir. Esta é uma verdade evidente por si mesma, que é demonstrada todos os dias.

A sabedoria infinita não podia passar o problema por alto, e o amor infinito não o deixaria por resolver. Um caminho aberto para Deus era programar a mente humana de modo que ela escolhesse automaticamente apenas o que estivesse certo. Se isto fosse o melhor que a mente de Deus pudesse conceber, então era assim que tinha que ser. Mas adoptar estas medidas, para proteger a família humana contra o abuso do poder, significaria a privação da capacidade de escolher e por conseguinte do poder de pensar. Isso teria limitado, contido, e impedido as mais elevadas e ricas realizações dos seus desejos e ambições. Tê-la-ia restringido abaixo do nível do reino animal.

Se Deus tivesse dado ao homem a oportunidade de escolher uma solução, não teria sido esta que ele teria escolhido. Hoje, os homens preferem morrer do que viver em escravidão. Mais do que uma organização tem adoptado o slogan, »Liberdade ou Morte.«

Tinha que ser encontrada uma solução que providenciasse uma perfeita protecção para qualquer uso perigoso do poder e apesar disso, de modo nenhum negar ao homem a liberdade de escolher e pensar. Isto exigia a elaboração de leis perfeitas cobrindo todo o aspecto possível da existência do homem, física, mental, moral, material, científica e espiritual. Nem os primeiros pais, nem qualquer dos seus filhos tinham poder ou sabedoria para resolver este problema de modo a satisfazer a necessidade. Deus, certamente, tinha. Na Sua infinita sabedoria e amor, deleitou-Se em dar um dom tão completo e abençoado como as leis do Seu reino.

E uma tragédia das mais graves proporções que os homens vejam apenas em parte a lei como Deus designou que vissem. Aquelas áreas da lei que tratam da relação do homem com os seus semelhantes e com Deus são consideradas por muitas pessoas como sendo um engano inventado por Deus para forçar a adoração de, e para Ele. Nada podia estar mais longe da verdade, nem destituir mais os seres criados por Deus. Enquanto esses pontos de vista forem mantidos, através da simples ignorância da própria verdade ou pela obstinada resistência à luz, o verdadeiro carácter de Deus não pode ser visto, nem pode ser obtida a verdadeira comunhão com Ele. Portanto, a realização dos propósitos de Deus pretendidos para a finalização da realização e felicidade do homem tem que encontrar os seus princípios na correcção destas ideias distorcidas.

Curiosamente, e como de costume, os conceitos possuídos são uma interessante mistura de verdade com erro. Há uma pronta espontaneidade em reconhecer e utilizar a lei no campo natural e, especialmente, no científico. Milhões são gastos anualmente em investigações por universidades, governos e casas de negócio, em busca do melhor entendimento e capitalização dos poderes do universo segundo a lei. Estudantes em treino para várias profissões são

adestrados na estrita importância da obediência à lei no desempenho das profissões que pretendem. Considerai, por exemplo, os regulamentos que parecem não ter fim a que um comandante de aeronáutica tem que obedecer. Infracções são punidas rapidamente com severas sanções disciplinares ou pronta demissão. As operações aéreas são conduzidas assim porque as autoridades sabem perfeitamente que a obediência à lei é a protecção e preservação das suas vidas. Eles sabem isto e não discutem.

Tragicamente, enquanto há uma prontidão para reconhecer o imenso e indispensável valor das leis científicas, há um fracasso em ligar estas leis com o Dador da vida. Os homens olham-nas simplesmente como algo que se tem desenvolvido do nada, mas que elevará o seu padrão de vida ao mais alto nível e lhes dará o poder para encher os seus inimigos de medo. Esta deficiência de compreensão provoca muitas perdas, porque Deus não é só o Dador da lei. Ele é também o grande Professor que deseja iniciar os Seus filhos na mais profunda e ampla compreensão destas coisas »O temor do Senhor é o princípio da sabedoria.« *Provérbios* 9:10. Ele é infinito em conhecimento e sabedoria, a qual está pronto a conceder a todo o que receba as Suas instruções. Se os homens hoje aprendessem unicamente d'Ele, em vez de tentarem obter todo o conhecimento através dos seus próprios poderes, estariam imensamente mais avançados e beneficiados do que estão presentemente.

Todavia, perante a lei moral, a atitude do homem é deplorável. Ele mostra-se a si mesmo totalmente pronto a restringir outros, enquanto se dispensa a si próprio das mesmas obrigações. Os homens revelam pelas suas acções que querem uma lei que os proteja dos outros homens, mas nenhuma que proteja os outros contra eles. Porém, a lei é designada para dotar todos os homens com a mesma protecção imparcial e perfeita. Ela nunca favorece um mais do que outro.

Não há um único mandamento feito por Deus para Sua própria exaltação, interesse, ou bênção. Para alguns isto pode parecer inacreditável, mas é a verdade. A mente humana opera no princípio

que a possessão de grande poder é a oportunidade para gozar liberdade à custa dos outros. Portanto, a conclusão é, uma vez que Deus tem poder infinito, usa-o para exaltar-Se a Si mesmo e para satisfazer os Seus próprios desejos ambiciosos.

Mas Deus não é homem. Os Seus caminhos são opostos aos dos habitantes desta terra que se têm afastado dos Seus pensamentos e caminhos.

Considerai o primeiro mandamento. »Não terás outros deuses perante Mim.« Quão rapidamente isto é interpretado como sendo uma ordem de Deus para garantir que a Sua posição seja totalmente reverenciada, de modo que, Lhe seja concedido o respeito e a adoração que considera ser o Seu direito. O mandamento é olhado como sendo feito para benefício de Deus e não para benefício do homem.

Mas isto não é assim. Essa condição destina-se apenas ao ser criado. Deus não precisa dela, nem o abnegado amor pensa em proteger-se a si mesmo. Um momento de reflexão mostra rapidamente quanto necessitamos manter o mandamento em mente.

Deus é o Criador dos Céus e da Terra. Todavia isto não é tudo. Momento a momento, Ele guia e sustém pessoalmente todos estes poderosos corpos celestes e poderes nos seus correctos percursos, fornecendo-lhes energia para continuar. Só Ele pode fazer isto. Se qualquer outro ser substituísse Deus, então, com a cessação da fonte da vida e energia, o único resultado possível seria a destruição.

O sol, por exemplo, é um poderoso sistema de energia que precisa ser continuamente alimentado com energia por Deus, pois ele não pode por si mesmo manter-se infinitamente. A vida neste planeta extinguir-se-ia se o sol deixasse de cumprir as suas funções regulares. Portanto, é vitalmente importante que Deus não seja substituído na Sua posição de comandar o sol. Alguns discordarão dizendo que nós não temos poder para remover Deus deste papel. E verdade que não o temos fisicamente, mas há um meio pelo qual os seres humanos podem afastá-l'O. Isso pode ser feito porque Deus nunca força a Sua presença onde ela não é desejada.

Quando os homens mostram pela obstinada rebelião que não sentem necessidade de Deus e por conseguinte desejam que Ele os deixe dirigir os seus próprios assuntos, Deus não discute com eles. Aceita o seu insistente pedido e deixa-os tal como Lhe pediram. Os que rejeitam o Seu amor e misericórdia, encontram-se então a si mesmos no meio dos poderes que deixaram de estar sob o controlo de Deus.

Considerai o que isto significaria unicamente a respeito do sol. Exactamente o que aconteceria não sabemos, mas podemos imaginar várias possibilidades sem descobrir uma que permitisse a nossa sobrevivência. Ele podia simplesmente desaparecer, ou explodir. Podia desviar-se para um espaço exterior ou mergulhar numa colisão com a terra. Em qualquer destas hipóteses a terra deixaria de suportar vida de qualquer espécie.

Não há ainda uma situação em que todos os seres humanos tomaram essa posição contra Deus, excepto em áreas limitadas. Sodoma e Gomorra foram cidades onde isso aconteceu e a mesma situação desenvolveu-se no rebelde Egipto.

A VARA DE MOISÉS

Através da vida de José, os olhos dos egípcios tinham sido abertos para contemplar o amor e o poder de Deus operando pela sua salvação. O poderoso governador tinha obedecido às instruções dadas por Deus através do jovem, e o Egipto tornou-se a nação mais poderosa da terra. Porém a prosperidade trouxe a apostasia e depressa Deus foi esquecido. Ano após ano, apesar do amor e cuidado de Deus, a nação afastou-se mais e mais d'Ele. Ao fazê-lo, estava a colocar-se cada vez mais perto do ponto em que Deus seria completamente rejeitado e forçado a deixar o controlo dos grandiosos poderes da natureza que a cercavam, deixando-a à sua sorte. Mas um Deus de amor infinito não faria isto sem primeiramente dar ao rei uma clara advertência do que estava para aconte-

cer. Por isso enviou Moisés com uma vara na mão a fim de mostrar o que estava para se revelar.

Moisés manteve-se na presença de Faraó como representante de Deus. Ele fez o que Deus lhe disse para fazer, dando desse modo a Deus os meios pelos quais podia dizer ao rei o que estava prestes a ocorrer no Egípto.

A vara na mão de Moisés era um símbolo dos poderes que Deus tinha colocado na natureza e no homem. Enquanto Moisés segurasse e dirigisse essa vara, Deus segurava e controlava aqueles poderes. Quando a vara deixava a mão do profeta, transformava-se numa serpente, o bem conhecido símbolo de Satanás, o destruidor.

O primeiro passo era pedir ao orgulhoso monarca que libertasse Israel. Este era um terno convite ao arrependimento e obediência. Ele foi proferido no contexto do iminente desastre que dava ênfase à necessidade urgente de serem dados esses passos. Fracassar em aproveitar-se da oferta feita, era abrir as comportas da aflição sobre eles até serem privados do poder para reterem os seus escravos por mais tempo.

Para a obra de Deus ser bem sucedida na salvação dos egípcios e na libertação do Seu povo, deviam ser dadas ao rei revelações muito claras acerca do que Deus realmente faria. Tinha que lhe ser mostrado que as calamidades que em breve cairiam sobre eles não eram obra de Deus, mas eram as fatais e inevitáveis consequências de se pôr de parte a lei como um preservador da vida. A fim de ensinar isso ao rei, foi feita a apresentação de toda a parábola das varas e das serpentes. Tudo dependia dele ser capaz de ler a mensagem a esse respeito e, depois, da sua disposição para caminhar de acordo com ela. Semelhantemente hoje, tudo depende de sermos capazes de ver aquilo que Deus pretendia que o monarca visse e andar de acordo com isso.

A lição é tão clara como simples. Enquanto a vara permanecesse na mão de Moisés, nunca era uma serpente mortífera. Para que ela se tornasse numa serpente, tinha que sair da sua mão e do seu controlo, durante todo o tempo em que ela se mantivesse fora

da sua mão e do seu controlo, continuava a ser uma serpente, mas no momento em que ele a segurasse voltava a ser de novo uma vara.

A verdade não podia ter sido declarada mais claramente. Infelizmente, a mensagem foi perdida por parte do rei mas é preciso que vós e eu não a percamos presentemente. O que Deus desejava comunicar ao rei era isto:

»Faraó, poderoso rei do Egipto« disse Deus, »até agora, apesar da crescente apostasia que te tem marcado a ti e aos teus súbditos, a vara do poder tem continuado ainda na Minha mão e sob o Meu controlo. Por causa disto, o destruidor não tem caminhado pela tua terra. Tens gozado maravilhosa prosperidade e bênção. Aproveitaste a oportunidade para te tornares na nação mais poderosa sobre a terra. Todavia, diariamente te tens separado cada vez mais de Mim, desobedecendo às próprias leis que em amor te dei para te preservar. Tens criado o abismo de separação e feito com que ele alargasse e aprofundasse até Eu reter apenas o mais ténue controlo dos poderes que te dei na natureza e em ti mesmo. Agora peço que te arrependas da tua apostasia. Como uma demonstração da tua disposição para Me obedeceres agora e te submeteres às leis que garantem a tua existência, deixa partir os israelitas. Não desejo ver-te quebrado e destruído pelo terrível sofrimento que está prestes a cair sobre ti mesmo e sobre o teu povo. Mas se recusares arrepender-te, este acto cortará o último laço, do firme controlo que tenho sobre estes poderes. Eles sairão da Minha mão e quando isso acontecer tornar-se-ão elementos de terrível destruição. Mas fica a saber que mesmo quando eles o fizerem, Eu posso estender a mão e agarrá-los novamente. No instante em que o fizer, eles deixarão de ser destruidores e uma vez mais se tornarão uma vara de bênção.«

Com que maravilhoso amor e anelo Deus apelou para o obstinado coração do rebelde rei. Com que orgulho e desdém, o monarca rejeitou a oferta desse amor imutável. A sua resposta foi chamar os mágicos do reino, e mandar que eles deitassem as suas varas ao chão. Aparentemente, elas transformaram-se também em

serpentes, mas em vez de ser uma única para cada situação, eram muitas contra uma. Sob todas as aparências, as serpentes do Faraó facilmente consumiriam a serpente saída da vara de Moisés.

O que estava o monarca realmente a dizer na resposta? Estava a declarar que não tinha a menor necessidade que Deus mantivesse o controlo sobre aqueles poderes. Ele era bem capaz de viver na completa independência de Deus. Deixa-O largar a vara. Deixa-a tornar-se numa serpente de destruição. Ele tinha poder sob o seu comando para mais do que fazer frente aos poderes que Deus tinha deixado de segurar.

Esta continua a ser a atitude do homem. Quando a aflição parece submergi-lo, volta-se para os seus próprios recursos a fim de a controlar. Se Deus é considerado para tudo, é apenas como um último recurso e, assim que a aflição passa, é esquecido. Porém os homens não podem dirigir os poderes de Deus fora do controlo e direcção d'Ele. Quando grandes furacões sopram do oceano inundando a terra, e arrancam edifícios, não há absolutamente nada que o homem possa fazer para os deter. Eles prosseguem todo o seu caminho. Assim é com terremotos, erupções vulcânicas, grandes fogos, etc. O homem não pode resistir-lhes ou detê-los.

Também as serpentes de Faraó não podiam dominar a serpente de Moisés. Ela activamente engoliu todas as outras, e ainda ficou tão vigorosa e sem alteração como sempre.

Deus nunca podia ter transmitido a mensagem mais claramente do que fez aqui, nem podia o rei tê-la rejeitado mais completamente.

No dia seguinte, com a vara, Moisés indicou o lugar de onde a presença de Deus primeiramente seria retirada, de modo que o rei não podia evitar que aquilo que Deus havia profetizado que aconteceria, realmente acontecesse, e que não era uma mera coincidência.

Durante a queda das pragas, Deus com ternura e amor, manteve a porta da misericórdia aberta. Sempre esteve pronto e disposto a retomar o controlo das forças que afligiam os egípcios. Todavia

Ele só podia fazer isto se eles se arrependessem e entregassem outra vez a obra nas Suas mãos. Faraó, forçado a reconhecer que nem ele nem os mágicos tinham qualquer poder para controlar os elementos destruidores, tirou partido do carácter de Deus. Quando a terrível pressão estava sobre eles, o Faraó fez grandes promessas a Deus e pleiteou com Ele através de Moisés para afastar a praga. Em resposta, Deus estendeu a mão e agarrou a serpente pela cauda, após o que se tornou imediatamente numa vara novamente. Assim que a aflição passou, a confiança do Faraó voltou e esqueceu as promessas feitas a Deus.

O homem é ainda o mesmo. Quando aniquilado até às portas da morte por forças fora do seu controlo, no terror do momento, pleiteia com Deus a pedir libertação, enquanto Lhe faz maravilhosas entregas. Depois, assim que a aflição passa, esquecerá todas as promessas e voltará aos seus caminhos de iniquidade.

Em 1846, um navio ligeiro a vapor transportava passageiros para Portland, Maine. Uma grande tempestade varreu o Atlântico com fúria, ameaçando as vidas das pessoas a bordo. Um passageiro descreveu a cena como segue:

»Nós estávamos em grande perigo. O barco balouçava assustadoramente, e as ondas atiravam-se com força para dentro dos camarotes através das janelas. Havia grande temor no camarote das senhoras. Muitos estavam confessando os seus pecados e clamando a Deus por misericórdia. Alguns convidavam a Virgem Maria a guardá-los, enquanto outros faziam solenes votos a Deus que se chegassem a terra devotariam as suas vidas ao Seu serviço. Era uma cena de terror e confusão....

»Pela misericórdia de Deus todos desembarcámos em segurança. Mas alguns passageiros que tinham manifestado maior temor durante a tempestade não se referiram a ela, excepto para imitarem os seus receios. Uma pessoa que tinha solenemente prometido que, se fosse preservada para ver a terra, seria uma cristã, troçando gritava enquanto deixava o barco: 'Glória a Deus, estou contente por pisar a terra novamente!' Pedi-lhe que voltasse algu-

mas horas atrás, e lembrasse os seus votos a Deus. Ela voltou-me as costas com escárneo.

»Fui forçado a lembrar-me de um arrependimento no leito de morte. Alguns servem a si mesmos e a Satanás toda a sua vida, e então quando a doença os vence, e uma terrível incerteza está na sua frente, manifestam alguma tristeza pelo pecado e talvez digam que estão dispostos a morrer, e os seus amigos são levados a crer que eles estão verdadeiramente convertidos e preparados para o céu. Mas se estes recuperassem a saúde, seriam tão rebeldes como antes.«

Assim aconteceu com esse poderoso potentado egípcio. Quando a pressão estava sobre ele, *pareceu* arrepender-se, mas quando ela foi retirada, mostrou que não tinha havido genuíno afastamento do pecado. Cada uma dessas prevaricações teve um efeito adverso na sua mente e carácter, significativo endurecimento do seu coração, e tornando-o assim cada vez menos capaz de se render a Deus. Isto, por sua vez, separou Deus do controlo das forças que cercavam a nação, tendo como resultado a queda de uma nova praga sobre eles, finalmente com a décima praga, em que morreram os primogénitos, o rei estava tão abatido, e a sua terra tão devastada, que ele não tinha mais poder para deter os israelitas.

Todavia, nenhuma daquelas aflições lhes sucedeu por causa de Deus ter controlado os elementos castigadores. Foi somente quando o controlo deixou as Suas mãos que elas puderam cair e realmente caíram.

Isto é totalmente oposto aos métodos dos reis do crime de Chicago. Só quando os instrumentos de destruição estão nas suas mãos e sob o seu controlo, fazem as suas vítimas experimentar dor e sofrimento. Por outro lado quando as forças estão nas mãos de Deus e sob o Seu controlo, *elas nunca podem ser destruidoras*.

A luz das abundantes evidências revelando o que Deus realmente fez no Egipto, é surpreendente quão mal os homens têm compreendido o relato do acontecimento. Deus teve o grande cuidado, do princípio ao fim da parábola das varas e serpentes, em de-

clarar exactamente o que faria no Egipto. Deus não é um mentiroso. *O que Ele disse que faria foi o que fez.*

Ele também tornou claro que não operaria como o homem opera. O homem usa a força para atingir os seus fins, *mas Deus não.*

A fim de confirmar para além de dúvida a veracidade destes testemunhos do Velho Testamento, Cristo veio para fazer uma declaração e uma demonstração pessoal do carácter e métodos de Seu Pai. Os Seus perseguidores relacionaram-se com Ele exactamente como Faraó fez com Deus, e Cristo respondeu precisamente como Seu Pai havia feito.

Ultrajaram-n'O, escarneceram d'Ele, açoitaram-n'O, zombaram d'Ele, carregaram sobre as Suas costas uma cruel cruz, e penduraram-n'O sobre ela. Contudo não há traço de qualquer espírito de vingança. Cristo não estendeu o braço para pegar nas armas do poder a fim de as controlar e dirigir em destruição sobre os Seus inimigos como facilmente podia ter feito. A Sua única resposta foi clamar com inexprimível amor e piedade, »Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem.« *Lucas 23:24.*

PORQUE NÃO ANTES

Acreditar que Deus submeteu os egípcios pela força a fim de efectuar a libertação do Seu povo, é apontar, por implicação, uma terrível acusação contra o Senhor. E acusá-l'O de deliberadamente e com indiferença levar os judeus a sofrer durante séculos, quando podiam ter sido libertados muito tempo antes do que foram.

Ele que na posse de poder omnipotente, o usa como um meio para executar a Sua vontade, pode fazer o que deseja *quando* decide. Se este é o método de Deus como tantos supõem, então todos os dias que os israelitas estiveram em servidão, foram por *Ele* não decidir libertá-los. Durante séculos, foram oprimidos em brutal ser-

vidão, toda a miséria devida a isso teria que ser atribuída a Deus por falhar em exercer o Seu grandioso poder em qualquer altura que escolhesse para libertá-los. Deus não podia ser um Deus de amor e ao mesmo tempo comportar-Se desta maneira.

A verdade, é que Deus comprometeu-Se a nunca resolver os problemas pelo uso da força. Portanto, o momento para a libertação dos israelitas seria determinado, não pela escolha pessoal de Deus, mas pelos efeitos da intensificação da apostasia dos egípcios. Isto provocou uma separação de Deus que soltou os poderes destruidores sobre eles até que tivessem destruído a sua capacidade para segurar os seus escravos. Então, só então, podiam os israelitas partir livremente. Quando estes princípios forem compreendidos, não se verá qualquer problema no facto dos israelitas terem sido deixados em servidão por tanto tempo.

Deus não se desviará dos Seus caminhos porque sabe que o uso da força é a derrota-própria. Tivessem os Seus princípios sido o governar pela força, então teria acabado com a rebelião assim que ela se manifestou logo no princípio. Não teria havido um longo período de pecado neste mundo.

Mas tinha que se permitir que o pecado prosseguisse o seu curso até que por fim se destruía a si mesmo e a tudo o que se liga a ele. Então o Senhor estará livre para fazer os novos céus e a nova terra sem o perigo de profanação.

A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO

No início do Seu ministério, Cristo purificou o templo dos compradores e dos vendedores. A história é contada em *João 2:13-22*. A Sua alma comoveu-se até às profundidades pelo que viu, e depois »...Tendo feito um azorrague de cordéis, lançou todos fora do templo, também os bois e ovelhas, e espalhou o dinheiro dos cambistas, e derrubou as mesas.« Versículo 15.

Esta história pode ser facilmente mal interpretada, assim como

a história das pragas do Egípto; e na maior parte das vezes é. Sem dúvida, a única explicação aceite é que Cristo realmente ameaçou chicotear aqueles homens e tê-lo-ia feito se não Lhe tivessem obedecido.

Porém se Ele o tivesse feito, então que diferença teria havido entre o Seu comportamento e o daqueles senhores do crime? Em que ponto é que Ele podia reivindicar que os Seus caminhos e o dos homens eram diferentes?

Estas perguntas requerem que se olhe outra vez para este incidente a fim de ver o que realmente aconteceu. Isto é a contrapartida no Novo Testamento da história do Velho atrás estudada. O que Deus fez a Faraó, Cristo fez aos cambiadores. E outra dramatização do domínio e controlo dos poderes de Deus. Os cenários e as acções são ligeiramente diferentes, mas a mensagem é a mesma.

A diferença mais significativa está no facto que enquanto Moisés permitiu que a vara saísse das suas mãos e controlo, Cristo não perdeu o controlo sobre o chicote.

Os acontecimentos que se deram em cada uma destas ocasiões, eram exactamente consistentes com as acções de Moisés e de Cristo. O Egípto sofreu imediatas calamidades assim que Moisés, *largando* a vara, indicou que sofreria. Contudo, Cristo no templo, assegurou-lhes que ainda havia tempo para arrependimento, pois Ele ainda detinha o controlo sobre o azorrague. Por isso, nenhum grande desastre os atingiu durante a Sua jornada terrestre. A acção de Cristo foi também uma advertência do perigo que a sua negligente apostasia O forçaria a retirar a Sua mão. Se isto acontecesse, então a experiência dos egípcios também seria a deles. E um facto histórico que eles recusaram arrepender-se. Voltaram as suas costas completa e desafiadoramente a Deus, e a vara tornou-se numa serpente, como é evidente pela devastação e mortandade em Jerusalém no ano 70 d.C.

Não houve possibilidade de Cristo os atingir com o azorrague. Esse não era o Seu propósito ao levantá-lo. Pairou ameaçadora-

mente sobre eles, mas, enquanto nas mãos de Cristo, nunca os podia magoar nem destruir.

Portanto, quando uma cuidadosa comparação é feita entre as acções de Deus no Egipto e a de Cristo no templo, é claro que Cristo falou a verdade quando disse que fez tudo o que o Pai fez, exactamente como Ele fez.

O TESTEMUNHO DA CRUZ

A cruz é a completa revelação de Deus e de Satanás e dos seus respectivos princípios de operação. A natureza da luta travada no madeiro sacrificai permitiu nada menos do que a total entrega de ambas as partes. Nada podia ser, ou foi, mantido em reserva.

O disfarce usado por Satanás para ocultar a sua verdadeira identidade foi desmascarado, pois era a máscara que ele tinha colocado sobre o nome e o carácter de Deus a fim de O deturpar perante o universo. Dessa luta titânica, o diabo surgiu para ser visto como realmente era — um ser que está tão completamente dedicado ao serviço do eu, que sacrificaria mesmo a vida d'Aquele que o criou e lhe deu tudo o que tinha. Mostrou o espírito que já tinha colocado dentro e manifestado através dos criminosos reis desta terra. A forma como tratou Cristo é o seu exemplo de como tratará todos os que não o servem.

Quão profundamente gratos podemos estar porque este não é o carácter de Deus. Bem podíamos estremecer de terror se o fosse. Deus e Cristo são motivados totalmente por outro princípio — próprio de um abnegado serviço de amor. Servirão todos os outros não importa qual o sacrifício que isso Lhes possa trazer para Si mesmos. Não farão um exemplo daqueles que não Lhes obedecem. Em vez disso fazem um exemplo de Si mesmos mostrando que, longe de exigirem e tirarem as vidas das pessoas, dão as Suas próprias vidas.

As vestes de Cristo estão na verdade mergulhadas em sangue — *o Seu próprio sangue*. Satanás também tem uma veste mancha-

da de sangue — *o sangue de outros*. Quão totalmente opostos são os dois. Quando é feita uma cuidadosa comparação entre os caminhos dos homens e os de Satanás, verifica-se que eles são idênticos, mas nada desses princípios e procedimentos podem ser encontrados na vida de Cristo ou do Seu Pai, excepto quando são falsamente acusados.

Mais do que isto, a forma pela qual Cristo morreu é prova absoluta que Deus não destrói o pecador. No Jardim do Éden, o homem decidiu seguir o seu próprio caminho. Desobedeceu à lei de amor, assim pondo de lado o seu preservador da vida e expondo-se a si próprio aos fatais resultados da transgressão da lei. No próprio dia em que o fez, teria morrido como Deus disse que aconteceria, se não fosse uma coisa. No instante em que o homem transgrediu, Cristo colocou-Se entre a vida e a morte e disse: »Que a punição caia sobre Mim.«

De modo a poder receber e suportar por nós a punição, a qual de outro modo ter-nos-ia feito desaparecer a todos, veio a esta terra. *Este é o ponto crítico*. Cristo não veio para suportar *qualquer* punição, mas apenas *aquela* a que o homem ficou sujeito. Deve ser completamente evidente por si mesmo que se Cristo falhasse mesmo pela grossura de um cabelo em suportar a nossa punição, então não podíamos ser salvos. O castigo tinha que ser completamente enfrentado.

Há dois conceitos que são ensinados acerca do modo como o impenitente enfrenta a sua punição. O mais comum é que um Deus com a paciência exausta usa o Seu onnipotente poder para limpar o universo dos desobedientes. Neste ensinamento o próprio golpe de morte é administrado por Deus,

Se isto é verdade, então esta era a forma como Cristo tinha que morrer, pois Ele tinha que morrer a nossa morte. Se a nossa morte é a execução às mãos de Deus, então o Pai tinha que executar o Seu Filho.

O outro conceito é que o pecador se separa a si mesmo de Deus. Consequentemente, Deus não podia manter um devido con-

trola das forças tanto dentro como à volta do pecador, com o resultado que ele é destruído pela sua própria iniquidade.

Se isto é verdade, então este é o modo como Cristo tinha que morrer.

Por isso, é evidente que o modo como Cristo morreu é prova clara da maneira como o pecador não arrependido perecerá. Felizmente, não há mistério à volta da morte de Cristo. Ela aconteceu publicamente, e ainda não encontrei uma pessoa que ensinasse que o Pai desceu à cruz e pessoalmente executasse o Seu querido e amado Filho unigénito. Isso não aconteceu desse modo.

O próprio Cristo dá testemunho do que aconteceu. Nos Seus momentos finais exclamou, »Deus Meu, Deus Meu, porque Me desamparaste?« *Mateus 27:46*. Aqui não está testemunhado que Deus estava perto com armas assassinas nas Suas mãos! Pelo contrário, Ele estava afastado *de* Cristo exactamente como se afasta de todo o pecador não arrependido. Cristo em Si mesmo não era pecador, contudo tendo aceite o peso dos pecados do mundo, ficou no lugar de todos os transgressores, tão verdadeiramente tomou as iniquidades que foi como se Ele mesmo tivesse cometido cada uma delas. Era esse peso que estava a separá-lo do Seu Pai. Separado de Deus, totalmente à mercê do pecado destruidor, Cristo morreu.

Precisamente da mesma maneira morreram os egípcios, os sodomitas, os antediluvianos, e todas as outras pessoas que têm sofrido o castigo da morte. Assim o pecado, no final do milénio, fará desaparecer aqueles que recusam a oferta da libertação do seu poder.

MAIS ELEVADOS E SANTOS CONCEITOS

Deus é amor. O Seu carácter, a Sua lei, são amor. Cada acto da criação, cada plano feito, e cada passo dado na obra da redenção, é uma expressão desse incompreensível atributo que ocupa cada aspecto e elemento de Deus e Seu comportamento.

Os caminhos de Deus não mudam, os Seus princípios são imutáveis. Quanto melhor eles são compreendidos, mais afectuosa e profundamente são apreciados. Esse amor, compreendido e recebido, inundará a alma de luz e beleza. Serão produzidas respostas que se harmonizarão com os pensamentos do Ser eterno. O recipiente será iniciado no círculo afogado da vida e beleza que eternamente emana do trono do Onnipotente, como um canal vivo através do qual esta calorosa corrente alcançará outros e através deles outros ainda. Com que maravilha e deleite os remidos entrarão na alegria do seu Senhor. Morar assim na luz que emana do eterno, é felicidade sem igual, alegria sem comparação.

Não imagineis que nada disto deve acontecer até ao regresso de Cristo e estabelecimento do reino eterno de alegria e felicidade. Para o verdadeiro filho de Deus o céu já começou. O amor de Deus habita no seu coração e o carácter de Deus é expresso através da sua vida. Dia a dia, ele está aprendendo a pensar e a falar de Deus como Cristo, Aquele que melhor conheceu, pensou e falou d'Ele.

E uma tragédia de incomensurável proporção, que, desde a queda, as mentes humanas tenham sido entenebrecidas pela mais grave concepção errada acerca do carácter do seu amado Pai celestial. Isto é a causa directa da multiplicação da tristeza e sofrimento que tem caído sobre a família terrestre. A tendência dos filhos é imitar o comportamento dos seus pais. Assim quando Deus é visto se bem que erradamente, como sendo Aquele que usa o poder ao Seu dispor para forçar a obediência e adoração, então os homens imitam o exemplo, oprimindo os seus semelhantes. Isto produz contra-medidas para resistir e vencer estas pressões. Inevitavelmente isto leva a guerras, terrorismo, assassínios e um milhar de outras dores. Obcecado com a protecção da sua própria vida e bens e com a realização das suas ambições, os homens prosseguirão estes objectivos independentemente do custo que possa ser exigido de outros.

Porém, se deixassem de pensar como homens para compreenderem em vez disso o verdadeiro carácter de Deus, então

seriam motivados para imitar isso. A principal preocupação seria então, não servir o eu mas servir os outros sem se importarem com o custo para si mesmos. Se este fosse o espírito que enchesse e motivasse todos os indivíduos como encheu Cristo, nunca haveria guerra, assassinio, opressão ou qualquer coisa parecida.

Chegou o tempo para pensar não mais como homens, mas como Cristo, que nos mostrou o Pai como *Ele realmente é*. Quando a visão acerca de Deus, como foi trazida por Cristo é verdadeira e totalmente vista, então serão abertos a todos os que vêm, os tesouros da salvação e redenção. Os corações de todos se regozijarão porque:

**»A vida eterna é esta:
Que Te conheçam a Ti só,
por único Deus verdadeiro,
e a Jesus Cristo
a Quem enviaste.«
João 17:3.**